# CARTA DE FRÓIS ABREU A CARLOS STUDART

Rio, 29 de maio de 1931

Prezado Dr. Carlos Studart

Recebi ontem o excelente número da Revista do nosso Instituto Como sempre, trouxe me muita satisfação tanto pela surprêsa agradável dos bons artigos, quanto pelo prazer da aproximação dos bons amigos cearenses

Vejo que a etnografia está sendo tratada agora com bastante carinho Seu trabalho é uma boa síntese do que ha esparso sôbre os índios do Ceará, e é lamentável que não haja sequer uns restinhos de tribos para serem estudadas . Quando o G Dias andou aí, em 1859, já não encontrou cousa alguma mas quem sabe se algum dia não teremos a surprêsa de desencavar ainda alguns cariris lá pelos sertões"

O trabalho do Dr Pompeu foi de grande interêsse para mim Eu tive oportunidade de estudar aquêles mesmos índios, quando estive no sertão maranhense, e justamente agora o meu livro entra nas oficinas. O título é **Na Terra das Palmeiras** (estudos brasileiros) e trata do aspecto físico, formações vegetais, fauna, índios e economia do Maranhão A maior parte se refere aos índios guajajaras e canelas, em cujas aldeias passei os mais agradáveis dias da minha vida de observações.

Pode, assim compreender com que gôsto comparei o vocabulário tomado lá com o Dr Pompeu Devo-lhe dizer que o dêle é bem mais completo, na aldeia os índios estão no seu ambiente e não ligam muita importância aos nossos pedidos Na cidade no meio estranho, êles cedem fàcilmente Os índios que até aí chegaram devem ser da aldeia dos Porquinhos, próximo ao rio Corda; não estive nessa, estive na aldeia do Ponto, perto da chapada do Alpercatas, onde há 31 casas

Não achei própria a designação do Dr Pompeu — índios merrimes

Êles são chamados, pelos que falam português, canelas, porque são descendentes suponho, dum ramo dos timbiras da canela fina, grandes corredores Êsses timbiras tinham o hábito de atar as canelas com fitas para torná-las mais elegantes (a eterna vaidade) e eu ainda encontrei vestígios dêsse uso na aldeia do Ponto

**Merrime** ou **Mehim** ou **Me-him** (h aspirado), como anotei, significa homem indígena, da estirpe dêles Assim um me explicou êle era me-him, eu era cupê (cupén) e um guajajara era prizinn-ré (r brando).

Um guajajara, explicou-me êle (guajajara) era tânte-hára (h aspirado) ou Uazá-izára que deu o guajajara, um canela ou craô era auâ; eu era caraiu

Para certificar-me da significação do vocábulo me-him insisti na declaração de que os canelas da aldeia dos Porquinhos também eram me-him, que os cracatis, da região de Imperatriz eram me-him, que os craôs do rio Manoel Alves Grande eram Me-him etc., isto é, pertenciam a essa mesma família que os etnógrafos chamaram Gê

Espero ansioso pela gramática do Dr Pompeu e vejo que os meus esforços, allados aos dêle, tornarão bem caracterizados os canelas do Maranhão, ainda tão pouco conhecidos Os trabalhos do Kissenberth pouca cousa informam, são muito resumidos Depois da minha estada na aldeia do Ponto, lá estêve o Sr. Curt Nimuendaju, que colheu muitos dados e o que mais me aflige, levou para o Museu de Gottemburgo, se não me engano, um grande machado de diábase, semilunar, que servia para abrir a cabeça dos inimigos, nos tempos idos, disse-me o velho Oropô-kâ

Fiz tudo para comprar essa preciosidade mas o indiferentismo e a deslealdade que caracterizam êsses índios não permitiram que êle viesse para o Museu Nacional.

Bem, vou parar porque já não tenho mais espaço neste papel e não é meu intento aqui lamentar a perda do machado

Queira apresentar muitos cumprimentos ao Barão e aos demais amigos do admirador

**S Fróes Abreu**

P S — Há um pequeno reparo a fazer no artigo do T P . Não são apenas os guajajaras os tupis do Maranhão Também são tupis até mesmo os urubus, fato absolutamente fora de dúvida depois da recente excursão do Raimundo Lopes ao Gurupi

**Sílvio**